

Saldo acumulado e o tamanho do estrago

estudos
sobre
literatura
brasileira
moderna

Organizadores:

Homero Vizeu Araújo
Mariana Figueiró Klafke
Tiago Lopes Schiffner

Saldo acumulado e o tamanho do estrago

estudos sobre literatura
brasileira moderna

Organizadores:

Homero Vizeu Araújo
Mariana Figueiró Klafke
Tiago Lopes Schiffner

2022

1ª edição

Porto Alegre

editora

ZO
UK

Conselho Editorial

Cristiane Tavares – Instituto Vera Cruz/SP
Daniela Mussi – UFRJ
Idalice Ribeiro Silva Lima – UFTM
Joanna Burigo – Emancipa mulher
Leonardo Antunes – UFRGS
Lucia Tennina – UBA
Luis Augusto Campos – UERJ
Luis Felipe Miguel – UnB
Maria Amélia Bulhões – UFRGS
Regina Dalcastagnè – UnB
Regina Zilberman – UFRGS
Renato Ortiz – Unicamp
Ricardo Timm de Souza – PUCRS
Rodrigo Saballa de Carvalho – UFRGS
Rosana Pinheiro Machado – Universidade de Bath/UK
Susana Rangel – UFRGS
Winnie Bueno – Winnieteca

2022 © Homero Vizeu Araújo; Mariana Figueiró Klafke
e Tiago Lopes Schiffner

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk
Revisão: Tatiana Tanaka

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

S162

Saldo acumulado e o tamanho do estrago [recurso eletrônico] : estudos sobre literatura brasileira moderna / organizado por Homero Vizeu Araújo, Marina Figueiró Klafke, Tiago Lopes Schiffner. - Porto Alegre : Zouk, 2022. 313 p. ; ePUB.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5778-099-2 (Ebook)

1. Literatura. 2. Crítica literária. I. Araújo, Homero Vizeu. II. Klafke, Marina Figueiró. III. Schiffner, Tiago Lopes. IV. Título.

2023-131

CDD 809
CDU 82.09

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura: crítica literária 809
2. Literatura: crítica literária 82.09



direitos desta edição reservados à
Editora Zouk
Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203
90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil
f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br

Quando eu é nós e o recado é cifrado

Luís Augusto Fischer

O romance ocidental nos acostumou a acompanhar a vida de um indivíduo, um herói problemático vivendo num mundo degradado em busca de valores autênticos, numa trajetória em geral destinada ao fracasso (só em romance trivial as coisas acabam banalmente bem). Com palavras parecidas com essas, Lukács definiu o perfil desse gênero tão marcante. Dom Quixote, Oliver Twist, Lucien de Rubempré, Raskólnikov, ou Bento Santiago, Paulo Honório, Riobaldo, pode pensar em qualquer dos grandes protagonistas, sempre um indivíduo.

Essa síntese fornece boa moldura contrastiva para falar de *Becos da memória*, romance de Conceição Evaristo. Concluído em 1986, o livro teve poucas edições anteriores à atual (editora Pallas).

Ao contrário daquela trajetória individual, em *Becos da memória* não para de aparecer gente. Vizinhos, parentes próximos ou distantes, desconhecidos que chegam, gente pobre e sofrida vivendo numa favela que, como se vai ler ao largo do relato, será removida. (Lembrou *Cidade de Deus*? Lembrou bem.)

O ponto histórico em que o romance de Conceição Evaristo foi concebido flagra gente jovem que conversa com avós que conheceram seus avós escravos – são cinco gerações, não mais que isso, entre a palavra impressa, dando conta da vida e dos horizontes narrados, tudo em geral muito acanhado, e o horror da escravidão real. Em nosso país é assim: quem tem de 60 anos para cima pode ter conversado com gente idosa que escapou do trabalho servil por detalhe.

Como narrativa, o romance de Conceição Evaristo é uma joia que se move, um cristal multifacetado rebrilhando diante do leitor, cada face dando a ver uma vida, a ponta de um drama, a ilusão de uma felicidade, uma partida, uma chegada, um futebol, uma bebida, uma alegria, um amor, uma ida à venda, outra ida à bica d'água, a hipótese de um emprego, a opressão de uma lembrança, a leveza de outra. É no conjunto, polifônico por natureza e forte como a necessidade, que então o leitor vai apreendendo a experiência coletiva,

na qual cada eu de algum modo é também um nós, tudo muito distante da lógica burguesa e patriarcal europeia.

Dá vontade de sugerir aqui, sem muita mediação conceitual, uma íntima associação entre essa forma narrativa – um vasto conjunto de pequenas trajetórias ancoradas por uma arquitetura narrativa a ser descrita, coletiva mais do que individual, com o conjunto alcançando uma significação superior à mera soma linear dos casos particulares – e a vivência da família extensa. Família extensa, estendida, ampliada: círculo de pessoas que de algum modo se reconhecem como parentes, como pertencendo a um mesmo núcleo.

Pausa para alguns dados da história em torno desse tema – família, especificamente família entre africanos e afrodescendentes. No *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)*, o verbete “Família” aponta duas dimensões cabíveis aqui. Muito longe de estarmos tratando da família burguesa, naquele tempo tínhamos a família patriarcal, para os de cima, e uma noção de família extensa, em que mais de uma geração coabitava a casa, também para os de baixo. Stuart Schwartz, no clássico *Segredos internos – Engenhos e escravos na sociedade colonial (1988)*, tem outro caminho para definir família: ela se comporia de indivíduos que reconhecem laços mútuos de sangue ou mais genericamente parentesco, assim como também a rede de pessoas alcançada pelo compadrio (padrinhos, madrinhas e afilhados), laço este que “criava uma série de laços de parentesco espiritual entre o filho ou afilhada e seu padrinho ou madrinha, além de laços entre os pais e os padrinhos”. Uma das variáveis para entender essa afinidade, essa família estendida, pode ter tido origem em afinidades étnicas, como documenta Schwartz no capítulo 14, seção “Formação das famílias”.

Outro importante brasilianista, A. J. R. Russell-Wood, reitera essa percepção. Ao repassar estudos sobre família e parentesco, no livro *Escravos e libertos no Brasil Colonial*, afirma: para escravos e libertos, “dimensões étnicas, comunitárias e de parentesco” foram essenciais para “encontrar coesão e unidade de propósito e agir coletivamente no ambiente social e econômico da escravidão”. Nos Estados Unidos, “as obrigações familiares e de parentesco, as crenças e os arranjos domésticos” do tempo da *plantation*, antes da Revolução Americana, “sobreviveram intactos e estavam presentes no Harlem às vésperas da Grande Depressão”. Não há muita clareza conceitual e mesmo documental sobre as formas familiares, incluindo as famílias de escravos, da América, diz; mas estudos existentes mostram que “a família matrifocal [...] era mais norma que exceção”, para toda a sociedade, e que “eram comum que mulheres negras ou mulatas encabeçassem lares nos quais não havia homens, devido ao abandono ou à morte”.

João Fragoso, em *Na trama das redes* (2010), observa que família, naquele mundo colonial, envolvia a parentela toda, a de sangue compartilhado mais a rede de compadrio, com o detalhe nada pequeno de que no Brasil não foi raro que proprietários de escravos tivessem escravos como afilhados. Acresce ainda que cada vez mais sabemos que as orientações valorativas que os escravizados traziam de sua cultura de origem – afinidades, distinções, preferências – tiveram influência na composição das famílias e das redes de socialização, o que nos acrescenta uma nova camada a essa noção quando pensamos nas famílias de africanos e afrodescendentes.

Essa longa experiência, tanto pelo lado da parentela patriarcal quando pelo lado de redes familiares de matriz africana (e talvez ameríndia também), deve ser algo significativo na vida brasileira, especialmente nas classes populares, em oposição ao mundo da família nuclear burguesa, com pai, mãe e filhos, uma geração só, um laço só. Daí que, nas narrativas, em lugar de um eu protagonista ao modo do romance ocidental burguês, um nós cheio de indivíduos, um nós povoado de parentes de sangue ou de escolha.

Um exemplo testemunhal de família extensa muito comum entre as classes médias e baixas brasileiras: Caetano Veloso, ele mesmo. De origem étnica composta entre europeus, ameríndios e afrodescendentes, em seu ensaístico livro de memórias *Verdade tropical* (1997), conta de sua família de origem, em Santo Amaro da Purificação, interior da Bahia (mas no Recôncavo, não no sertão), coisas como estas aqui: “Quanto eu tinha uns seis, sete anos, lá pelo fim dos anos 40, uma das *nossas muitas primas mais velhas que moravam conosco* (essa devia ter mais de trinta anos) me disse, entre divertida e irritada [...]: ‘Meu filhinho, eu queria morar em Paris e ser existencialista’” (p.84). Esta era Minha Daia. Havia também a tia chamada de Mãe Mina, que dormia no mesmo quarto que o menino Caetano e o irmão Roberto; a Minha Ju, outra tia. E muitos irmãos.

A conferir essa hipótese.

Mas também pode ser que essa presença multitudinária, na obra de Conceição Evaristo ou em outras de afrodescendentes (Oswaldo de Camargo, Paulo Lins, Renato Dorneles), tenha a ver com outra questão, outra origem. Deve haver um nexos profundo entre o romance burguês, quer dizer, ocidental, que prioriza em seu centro um indivíduo, e a conformação da psicologia individual explicada por Freud – isso de um lado; de outro, é possível que haja outra forma de individuação, de subjetivação, fora do radar freudiano e ocidental, que se ligue também profundamente com a família extensa, estendida, ampliada, não sei como chamar, essa que tem a ver com matrizes africanas

(na falta de palavra melhor, eu convoco a palavra “tribo”, ou “aldeia”) e com a vivência dos africanos e afrodescendentes no Brasil, durante a escravidão e depois. Como é formar-se indivíduo nesse ambiente, nessa rede de afetos e valores?

Um exemplo disso está no romance de Renato Dorneles, *A cor da esperança* (2019), que tem no centro do enredo uma matriarca, justamente a Dona Esperança. Uma família extensa, com três gerações, mais ex-marido e seus aparentados, alguns amigos, agregados, girando em torno da grande figura matriarcal. São também várias individualidades que o romance dá a conhecer, mas todas de algum modo compondo um painel cuja força é superior à mera justaposição dos personagens.

Aqui dá para aproveitar e fazer uma parada breve para falar de outras familiaridades, para além do romance *best-seller* de Paulo Lins, que virou filme estourado no mundo todo como a cara do Brasil. Improvisemos uma breve hipótese teórica sobre a literatura produzida por afrodescendentes no Brasil.

(Poderíamos talvez traçar paralelos com outros brasileiros filhos de gente não ameríndia, sempre tomando os devidos cuidados – ao abordar o mundo afro-brasileiro, estamos falando necessariamente de três séculos e tanto de escravização, de humilhações e trabalho forçado, de bloqueio do horizonte humano que, ao menos desde o final do século 18, o Ocidente considera direito de cada indivíduo, sem exceção. Teoricamente, ao menos.)

Quase de forma algébrica, considere dois polos extremos: de um lado, a arte feita na forma e no espírito predominante naquilo que se convencionou chamar de Ocidente moderno, essa civilização com centro na Europa ocidental e no capitalismo, que se expressou no romance burguês e no soneto, no teatro de Shakespeare a Nelson Rodrigues, na sinfonia e demais formas musicais para orquestra europeia, na pintura de paisagens e pessoas que vem de Da Vinci e chega a Lucien Freud.

De outro lado, considere a arte feita na forma e no espírito predominante das populações de origem africana que foram escravizadas e trazidas para o Brasil e para a América como um todo, uma outra civilização, submetida a absurda carga de opressão, aquela direta com os ferros e o suplício do trabalho escravo ou aquela indireta com a exclusão social, o preconceito e a falta de respeito a direitos elementares de cidadania. Uma civilização dominada, mas que existe e também se expressa, de maneiras variadas; uma civilização perversa, na qual os oprimidos foram encontrando formas de expressão, nem que fosse para distrair o ferro do suplício.

Mas atenção: considere esses polos como isso mesmo, polos, pontos extremos de uma escala cheia de pontos intermediários, como os pontos da borda de um leque aberto, que é cheio de pontos intermediários. Não pense nos polos como única possibilidade de ter qualidade e alcançar excelência, porque em cada ponto intermediário pode existir realização estética importante, tanto quanto cada haste do leque é essencial para ele existir. (Não pense grenal, flafiu, Cruzeiro e Atlético: pense tensão, pense variedade.)

Dadas essas premissas, a tese de trabalho fica assim: entre os afro-brasileiros, houve e há escritores excelentes em todos os pontos de um gradiente que vai desde a mais alta literatura ocidental até a mais inovadora e criativa literatura afrodescendente, desde as formas mais canônicas até as mais inventivas. A mesma coisa poderemos dizer de músicos, compositores, pintores, cientistas.

No polo mais ocidental, temos gênios indiscutíveis: Machado de Assis e Cruz e Sousa são demonstração cabal. Cada um deles foi nada menos que excelente, culminante, na obra que produziu, seguindo (e tensionando criativamente) as regras de seu metiê, seja o romance e o conto na mão do escritor carioca, seja o soneto simbolista na mão do poeta catarinense. (Saltamos para o século XXI e vamos encontrar escritores afrodescendentes, ainda em processo de afirmação mas já com acertos notáveis, que figuram bem nesse polo: Jeferson Tenório, Paulo Scott, José Falero, Paulliny Tort.)

No polo mais afro-americano, também temos figuras de primeiro plano. São artistas que alcançaram uma forma expressiva significativa, original, capaz de acolher, não apenas nem necessariamente no tema mas sim na arquitetura de sua arte, algo de profundo, até ali indizível, da experiência do povo negro brasileiro.

Aqui creio que está a obra de Conceição Evaristo, com a forma cristalina, multifacetada, ancorada em um *nós* (e não na trajetória de um indivíduo isolado do romance ocidental), assim como, para dar outro exemplo elevado, está a obra de Jorge Benjor. Sim, ele mesmo: não é apenas pelo suingue, nem apenas pela invenção ou estabilização do samba-rock, ou pela capacidade de acolher relatos e figuras raríssimos na canção brasileira, mas também porque ele é talvez o exemplo mais bem-sucedido de poesia griô.

(Diz o Houaiss no verbete “griô”:

1. no Sudão e em parte da zona guineense, poeta, cantor e músico ambulante pertencente a uma casta especial que, além de cronista e detentor da tradição oral do grupo, freq. exerce atribuições mágico-religiosas;
- 2 no Brasil, indivíduo que, numa comunidade (p.ex., de âmbito religioso

ou folclórico), detém a memória do grupo e funciona como difusor de tradições.

O Griô manda o recado, portando a memória; e muitas vezes manda recado cifrado, para ser entendido apenas por quem precisa ou merece saber. Dá pra botar Luiz Melodia nessa mesma posição, assim como os Racionais MC's.)

Entre esses dois extremos formais, quantidades de outros artistas e escritores, alguns grandes e significativos, com obra capaz de expor aspectos da experiência brasileira e marcar a leitura de modo fundo e radical – entre os prosadores, Lima Barreto, Ruth Guimarães (também ela autora de um “romance coral”, *Água funda*), Oswald de Camargo, a inventiva Carolina Maria de Jesus, Ferréz, Itamar Vieira Júnior, Cidinha da Silva, Karine Bassi; no teatro, Abdias do Nascimento ou o Grupo Caixa Preta, liderado por Jessé de Oliveira – seu excelente *Hamlet sincrético*, de 2005, é uma das experiências mais impressionantes de diálogo entre os dois polos aqui mencionados –; na poesia, a coisa começa talvez com a ousadia de Domingos Caldas Barbosa e sua viola, e alcança em nosso tempo com Oliveira Silveira, Ronald Augusto e Ricardo Aleixo.

Muita gente, muita arte relevante, compondo uma genealogia ao mesmo tempo específica, com nexos internos e sede de afirmação particular, e geral, brasileira, americana, com articulações externas e gana de intervenção no conjunto da sociedade.

Referências

- DORNELES, Renato. *A cor da esperança*. Porto Alegre: Falange, 2019.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). *Na trama das redes: política e negócios no império português (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- RUSSELL-WOOD, A. J. R. *Escravos e libertos no Brasil colonial*. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SCHWARTZ, Stuart. *Segredos internos – Engenhos e escravos na sociedade colonial*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras: CNPq, 1988.
- VAINFAS, Ronaldo (dir.). *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.